

LINGUAGEM E EXTERIORIDADE: A ESCRITA COMO EFEITO SUJEITO

Cleudemar Alves FERNANDES
Universidade Federal de Uberlândia
cleudemar@uol.com.br

a escrita representa o papel de um *rito de sepultamento*; ela exorciza a morte introduzindo-a no discurso [...] permite a uma sociedade situar-se, dando-lhe, na linguagem, um passado, e abrindo assim um espaço próprio para o presente (Michel de Certeau).

Considerações Iniciais

É lugar comum entre analistas do discurso que a obra de Michel Pêcheux é marcada por revisões e deslocamentos feitos por ele mesmo e caracteriza-se como um projeto teórico inconcluso. Os apontamentos desse pensador têm eco na atualidade e são sempre revisitados por estudiosos da Análise do Discurso (doravante AD). Inseridos nesse contexto, vislumbramos ecos de Pêcheux consistentemente arraigados nas tendências atuais da AD. Referimo-nos a indicações encontradas em seus escritos, quando assinala as projeções, então atuais, dos estudos do discurso; a saber: “na análise das discursividades, as posições teóricas e práticas de leituras desenvolvidas nos trabalhos de Michel Foucault constituíram um dos signos recentes dos mais claros da projeção da análise de discurso” (PÊCHEUX, 1999, p. 9).

A leitura de Michel Foucault para sua articulação na AD apresenta-se amplamente difundida entre analistas do discurso e constitui fecunda abordagem de estudos vigentes. No rastro das discussões arroladas por Michel Foucault e diante da amplitude e complexidade de suas problematizações teóricas, limitaremos nosso estudo às noções de autor e exterioridade, visando a desenvolver uma reflexão sobre a escrita (e não o ato de escrever) como uma exterioridade ao sujeito-autor, cujo efeito constitui-lhe existência como um efeito-sujeito, e até mesmo uma criação de si. Isto, porque entendemos com Certeau (2002) que a escrita fornece a uma sociedade um passado e abre-lhe o presente, ela cria também um futuro. Nesse movimento, constroem-se sujeitos.

Não trataremos, obviamente, do sujeito empírico, mas de um efeito-sujeito decorrente/produzido pela escrita. Nossa proposta consiste em uma análise do Memorial de Pierre Rivière sustentada com a noção de exterioridade, em Foucault. Pela recorrência a esse conceito, focalizaremos não o sujeito autor do texto, ainda que o texto aponte para este sujeito, mas um efeito-sujeito produzido pela escrita. Trata-se de uma breve análise de um texto que remete a

recortes da vida de seu autor, a partir do qual há, na verdade, a construção de um sujeito pelos discursos materializados em seu próprio texto, e pelos discursos suscitados por essa escrita. Logo, um sujeito reconstruído sempre, exterior e posterior ao texto, deslocado, em torno do qual discursos se digladiam.

Exterioridade e autoria – breves apontamentos

Michel Foucault, em seus textos dedicados a reflexões sobre literatura, afirma que no espaço literário há um desaparecimento do sujeito em virtude do (re)aparecimento do ser da linguagem. Esse ser da linguagem, que promove o desaparecimento do sujeito, é pura exterioridade, uma vez que a literatura remete para fora do “eu”. A literatura apresenta-se como espaço exterior, exterior a si, exterior de si, como uma multiplicidade de lugares e de subjetividade que serão sempre (re)duplicados. Pensar a literatura em sua exterioridade, fora de si, como o que promove o ser da linguagem, leva-nos a refletir sobre esse ser produzido fora do texto, mas possibilitado por ele. A partir de então, podemos vislumbrar sujeitos construídos e reconstruídos como exterioridade ao texto, sujeitos que se dissociam do autor, mesmo quando o texto produzido toma seu autor como objeto de discursividade. Se um texto é redigido em primeira pessoa, ele pode trazer representações que o sujeito faz de si, e representações que esse sujeito faz de suas imagens para o mundo que o cerca, e das imagens que ele tem das imagens que os outros fazem dele. No entanto, o sujeito não é o que é construído como tal no ato de escrita de seu autor, mas se dá por uma exterioridade a esse ato e a essa produção. Atestamos com isso que a escrita, tomada como exterioridade, constrói sujeitos, ou faz emergir de si efeitos-sujeito. Se a literatura é linguagem ao infinito, que constrói seu ser, esse ser da linguagem carrega sujeitos construídos por discursos, exteriores e posteriores ao texto; dissociados do sujeito autor. Trata-se de uma exterioridade às representações (nunca coincidentes) que os sujeitos fazem, ou pensam fazer, de suas realidades; como uma interioridade ao exterior.

Se “a literatura [...] é uma linguagem transgressiva, mortal, repetitiva, reduplicada: a linguagem do próprio livro”, como atesta Foucault (2001a, p. 154), considerada como espaço exterior, exterior a si, exterior de si, é também uma multiplicidade de lugares e de subjetividade. Exterioridade, fora de si, como linguagens que apontam para a dispersão e, ao mesmo tempo, para diferentes unidades. “O ser da linguagem não aparece por si mesmo mais do que no desaparecimento do sujeito” (FOUCAULT, 1990, p. 20).

A escrita, compreendida como obra de linguagem, avançaria sempre suscitando a reduplicação; a linguagem busca romper o limite da morte, e, pela palavra, constroem-se rastros de identidades perdidas. A linguagem revela palavras que matam, ou fazem morrer, para se viver fora e

muito além do texto. Não nos restringido à literatura, mesmo porque não interessa para o momento discutir o ser da literatura, vislumbramos o Memorial tomado para análise como uma escrita, obra de linguagem, que evoca a existência de uma sujeito exterior a si, (re)uplicado sempre, que faz emergir o ser da linguagem. Um texto que fala e é falado por si.

A noção de exterioridade coaduna com a noção de autor também proposta por Foucault (1992a). Grosso modo, autor pode ser compreendido como aquele que reúne um conjunto de vozes históricas, sociais e ideológicas na produção de um texto. Acerca do autor, Foucault reitera que o sujeito da escrita, pela abertura de um espaço produzido pela obra, está sempre a desaparecer, não se fixa um sujeito numa linguagem ou o exalta pelo gesto de escrever. Há inclusive um parentesco da escrita com a morte pelo apagamento da própria existência do escritor. “O nome do autor não transita, como o nome próprio, do interior de um discurso para o indivíduo real e exterior que o produziu, mas [...] manifesta a instauração de certo conjunto de discursos [...] no interior de uma sociedade e de uma cultura” (FOUCAULT, 1992a, p 45-46). Esses breves apontamentos balizarão a leitura que faremos, a seguir, do Memorial de Jean Pierre Rivière.

Pierre Rivière: um sujeito exterior e muito além de seu texto

Atestamos que a escrita, tomada como exterioridade, constrói sujeitos, ou faz emergir de si efeitos-sujeito. O texto, por carregar um nome de autor, ou por remeter a um sujeito e narrar facetas de suas histórias, constrói o sujeito, reduplicado sempre, deslocado, exterior e dissociado do ser empírico que efetuou o gesto da escrita. Assim é que além de literatos, inumeráveis para o momento, construídos após o ato de escrever, quando o texto ganha forma e vida em uma exterioridade longínqua do sujeito que exerceu a função autor, vemos, como aponta Costa (2007), personagens de romances ganharem vida e continuarem tão presentes entre nós. Em meio à inquietação causada por essas reflexões, deparamo-nos com o encanto de Foucault com a efervescência de discursos em torno de Pierre Rivière, a quem dedica uma obra (FOUCAULT, 1984).

O nome Jean Pierre Rivière refere-se a um jovem camponês, de 20 anos de idade, habitante de Aunay - França, que, em 03 de junho de 1835, assassinou, a golpes de foice, sua mãe grávida de 7 meses, sua irmã de 18 anos, e seu irmão de 8 anos. Nossa abordagem recai sobre um Memorial escrito por ele, quando se encontrava preso, após o parricídio. Esse texto, pelos discursos nele materializados, e pelos discursos produzidos a partir dele, assegura certa existência a esse sujeito. Interessa-nos justamente o sujeito construído como efeito da escrita, exterior e até mesmo posterior ao texto.

O referido Memorial integra a obra **Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão** (FOUCAULT, 1984), que, produzida sob a coordenação de Michel Foucault, reúne também peças judiciais, laudos médico-legais, matérias publicadas em jornais da época, e estudos sobre o “caso Rivière”. Os estudos reunidos priorizam o debate instaurado na ocasião desse assassinato entre a justiça e a psiquiatria, mais especificamente a recorrência a essa por aquela. A esse embate praticamente dedica-se a obra; nela encontram-se “discursos concorrentes [...], onde há as histórias concorrentes e justapostas do padre, do policial, do magistrado, e dos psiquiatras, assim como a lúcida afirmação do próprio Pierre Rivière” (MARSHALL, 1999).

Discorreremos então sobre discursos que, se matam, tendo a morte também como objeto, fazem nascer e quiçá imortalizam um sujeito chamado Pierre Rivière, porque esse sujeito escreveu, e por isso continua sendo reduplicado e sofrendo deslocamentos em uma contínua construção de si pela exterioridade que o envolve. Talvez, desejamos com Levy (2003, p. 62) “atingir esse ponto, onde só a linguagem age” e corrobora a produção de discursos, sendo a escrita exterioridade de uma linguagem em linha tortuosa estendida ao infinito.

Foucault (1984, p. XIV) apresenta-se como tomado por “uma espécie de veneração e também de terror por um texto que devia arrastar com ele quatro mortes”. Pierre Rivière, apreendido por Foucault, não se refere a um sujeito empírico, mas sim a um efeito-sujeito produzido, principalmente, por um memorial que teria sido assinado pelo próprio Rivière. Sujeito efeito de uma escrita, em torno do qual discursos digladiam. Eis o que, trazido por Foucault, interessa-nos: produção de discursos, materializados pela escrita, em torno de um acontecimento produzido por esses mesmos discursos, que se opõem e que constroem um sujeito a partir de efeitos desse mesmo sujeito derramados por essa escrita. Foucault (1984, p. XII) propõe-se a “reencontrar o jogo desses discursos, como armas, como instrumentos de ataque e defesa em relações de poder e de saber”. Propomo-nos a encontrar o sujeito construído pelo Memorial que ele mesmo escreveu; um sujeito expresso pelas representações que faz dos outros e com isso diz de si, mostra-se por meio de recortes do mundo e acontecimentos que narra.

Jean Pierre Rivière são discursos de reiteração e de enfrentamento à violência e à morte. Esses discursos contemplam uma brutalidade que em muito transcende o ser humano. O horror discursivizado constitui representações que recaem sobre o sujeito Pierre Rivière dando-lhe corpo (figura humana: olhos, rosto, pele...), voz (e movimentos), e uma existência estendida ao infinito em linhas tortuosas. Isto se deve menos a seus atos, e mais à sua escrita.

Vida infame de um homem que gira em torno da morte. Com a morte daqueles que assassina, conclama a própria morte. É de si que afirma ser a morte: “Era a mim mesmo que matava [...] eu morro por... meu pai”, afirma em seu Memorial. Todavia, trata-se de ações e dizeres que o levam à transgressão da vida, e a escrita apresenta-se, também, imbuída do papel de uma confissão,

e, como uma construção discursiva, funciona ainda como o que, “ao trazer à luz os movimentos do pensamento, dissipa a sombra interior onde se tecem as tramas do inimigo” (FOUCAULT, 1992b, p. 130). Efeitos escorregadios, fios de um vermelho mercúrio aterrorizante, que banham uma escritura e fazem nascer um sujeito: o degolador Pierre Rivière. Pierre é para o olhar de todos um assassino, para uns louco, para outros o mal encarnado. Eis representações não coincidentes que se fazem desse sujeito.

Seu Memorial está dividido em duas partes: a primeira destina-se a um relato dos infortúnios que a mãe de Rivière teria causado a seu pai, infortúnios sofridos pelo tão amado pai. Nessa parte, o pai é apresentado como um homem dócil, porém, freqüentemente hostilizado pela mãe, apresentada como cruel, como um monstro. Se Pierre dedica-se a falar dos outros, e se “o sujeito que fala é o mesmo que aquele do qual se fala”, ele fala de representações imaginárias que constrói dos pais e do lugar que o envolve. Sua narrativa caracteriza-se como representações que fazem dos outros. Essas representações mostram certa inscrição discursiva desse sujeito, totalmente simpático ao pai e avesso à mãe.

Antes mesmo de iniciar a primeira parte do Memorial, há uma breve apresentação de Pierre Rivière, que se afirma como o autor da ação que será narrada, e dos objetivos dessa escrita, e também como irá organizá-la. Vejamos algumas ocorrências nos fragmentos abaixo.

a) “Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão, e querendo tornar conhecidos os motivos que me levaram a esta ação, escrevi toda a vida que meu pai e minha mãe levaram juntos durante seu casamento” (p. 51).

b) “Toda essa obra será escrita em estilo muito grosseiro, já que sei apenas ler e escrever” (p. 51).

Nesses fragmentos, notamos a exterioridade atuando na construção da subjetividade do sujeito. Em “a)”, temos o início do Memorial, momento em que Pierre Rivière se apresenta e, sem fazer juízo do ato que cometera, propõe-se a apresentar suas causas e ainda escrever toda a vida dos pais. O uso de “toda” longe de refletir uma completude do que o sujeito propõe, reflete um recorte: trata-se, na verdade do que está ao alcance do narrador, e, principalmente, das representações da relação dos próprios pais para esse sujeito.

No fragmento “b)”, Pierre traduz uma imagem de si como sujeito de baixo nível de escolaridade que fará uma escrita grosseira; no entanto a “acuidade” de seu texto é considerada em vários estudos reunidos em Foucault (1984) como uma surpresa, mesmo porque era consenso atribuir a Pierre Rivière uma imagem de imbecil e semi-analfabeto. A contraposição do texto

(marcado por coerência e clareza) às ações atribuídas ao seu autor antes do assassinato aquece o embate entre psiquiatras, entre o magistrado, no que concerne ao diagnóstico de louco ou não.

A primeira parte propriamente dita intitula-se “Resumo dos sofrimentos e aflições causadas por minha mãe a meu pai de 1813 a 1835”. Vejamos alguns recortes do que é relatado, seguindo a enumeração dos fragmentos iniciada acima.

c) “Nos primeiros tempos de sua união com minha mãe, ele ia freqüentemente visitá-la, mas era por ela recebido com uma frieza que o desconcertava” (p. 54).

d) “Apesar dos cuidados que meu pai e minha avó tinham com ela, cobria-os de insultos e palavras mortificantes” (p. 56).

e) “Minha mãe lhe fazia todas as maldades possíveis” (p. 57).

f) “o sr. vigário não fez muita fé no que minha mãe lhe tinha dito” (p. 60).

g) “meu pai [...] preparou o porco, era hábito ele levar um pedaço para provar, mas desta vez não levou” (p. 64).

h) “minha mãe pensava que iria e viria e recolheria o dinheiro de tudo; ela não se contentava em gozar de sua propriedade toda pronta e trabalhada, mas queria também gerir a de meu pai, e que ele não administrasse nada...” (p. 65).

i) “Esse juiz, conversando um dia com meu pai, perguntou-lhe se sua mulher não era de maus costumes, se não tinha outros homens além dele” (p. 74).

j) “minha mãe continuou com suas provocações para com meu pai, caçoando da tristeza que o acabrunhava” (p. 83).

Em todo o texto, Pierre Rivière ressalta a conduta do pai, sempre o mostrando como humano, ponderado e amável, ao passo que a mãe é caracterizada por uma monstruosidade, como dotada de uma crueldade sempre visando a atingir o pai. Para reiterar esse posicionamento, encontramos várias vezes a presença explícita de outras vozes sociais manifestando-se em defesa do pai. Essas presenças na voz do sujeito que nos relata, como o vigário e o juiz, respectivamente em “f)” e “i)” acima, têm a finalidade precípua de assegurar a verdade ao que é narrado e à voz de quem narra, uma vez que reiteram o bom caráter do pai em oposição às atrocidades constantemente cometidas pela mãe.

A construção do sujeito Pierre Rivière se dá pelas representações que faz dos outros, ele é constantemente povoado pela exterioridade, e sua escrita constrói o sujeito como um ser de linguagem. Usando palavras de Coracini (2007, p.11-17), afirmamos que esse Pierre Rivière construído pela escrita aflora ainda “pela memória que se faz discurso, nas histórias de vida, nas invenções de si” [...] e “o sujeito é uma construção social e discursiva em constante elaboração e transformação”.

Na segunda parte do Memorial, Pierre Rivière ocupa-se da narrativa do que ele denomina “sua vida particular e dos pensamentos que até hoje me ocuparam”. Nessa parte, ele narra detalhadamente o planejamento e a execução dos crimes. Vejamos algumas imagens desse sujeito pelas suas próprias palavras.

l) “Na minha infância [...] tive uma grande devoção. Isolava-me para orar a Deus [...] Pensava em ser padre e meu pai dizia que me ajudaria a conseguir isso. Decorei sermões e pregava perante várias pessoas” (p.93).

m) “gostava muito de ler [...] mesmo se encontrasse um pedaço de jornal que tivesse sido usado eu o lia” (p.93).

n) “a paixão carnal me incomodava [...] tinha sobretudo horror ao incesto e isso fazia com que eu não quisesse me aproximar das mulheres de minha família [...] diziam também que eu tinha horror das outras mulheres” (p. 94).

o) “Eu crucificava rãs e pássaros, imagina também outro suplício para fazê-los perecer. Consistia em pregá-los com três pregos na barriga, em uma árvore” (p. 96).

p) “gostava muito de meu pai, e suas infelicidades me comoviam sensivelmente. [...] Concebi o horrível projeto que executei, pensava nele há mais ou menos um mês. [...] vi meu pai como se ele estivesse em mãos de cães raivosos ou bárbaros, contra os quais eu deveria lutar” (p.96).

q) “mas eu só posso libertar meu pai morrendo por ele”. (p. 97).

r) “Estava resolvido a matar os três: as duas primeiras por estarem de acordo para fazer meu pai sofrer, e quanto ao pequeno eu tinha duas razões: a primeira por ele amar minha mãe e minha irmã, e a outra porque temia que, se matasse somente as outras duas, meu pai [...] me lastimasse quando soubesse que morrera por ele, eu sabia que ele amava tanto aquele

menino que era inteligente, pensava: ele terá tanto horror de mim que se regozijará com minha morte, e por isso ficará livre das lamentações e viverá feliz” (p. 98).

s) “Aproveitando essa oportunidade apanhei a foice, e entrei na casa de minha e cometi esse horrível crime, começando pela minha mãe, e em seguida minha irmã e meu irmãozinho, depois redobrei os golpes. [...] Em seguida saí para o pátio e [...] disse-lhes eu, para que meu pai e minha avó não tentem se suicidar, eu morro para devolver-lhes a paz e a tranquilidade” (p. 103).

Após ter cometido o crime acima apresentado, Pierre Rivière continua relatando suas andanças durante um mês, período que antecede sua prisão, e seus primeiros na condição de presidiário, enquanto estava em julgamento. Como parte de seus planos, afirmou também em seu Memorial que teria iniciado o relato de suas razões antes do crime, para assim que o cometesse, levá-lo ao correio e encaminhá-lo ao pai, para em seguida cometer suicídio. Houve a tentativa de escrita, mas não foi bem sucedido nesse empreendimento, deixando sua realização para quando se encontrava preso.

Os fragmentos anteriormente apresentados mostram a constituição de Pierre Rivière marcada por contradições: manifesta em sua infância o desejo de ser padre e apresenta-se como assassino quando adulto; de leitor ávido é considerado semi-analfabeto e imbecil; pelo temor ao incesto, mantinha-se distante de toda mulher; por amor a seu pai, retira-lhe entes queridos; enfim, mata anunciando a própria morte. Eis então que “o sujeito é também alteridade, carrega em si o outro, o estranho, que o transforma e é transformado por ele” (CORACINI, 2007, p.17). Com isso, essa escrita oferece-nos construções imaginárias de um sujeito fragmentado, heterogêneo, cuja construção, a partir do texto que escreve, será duplicada e transformada como uma exterioridade ao texto.

Rivière deposita no sentimento de uma sociedade uma experiência do exterior, algo horripilante para o qual, por meio de evocações divinas e de apelos a recursos legais, todos deveriam se voltar e combater, para manter fora de nossa interioridade.

Considerações Finais

Uma das funções da escrita, conforme atesta Foucault (1992b), é de um operador da transformação da verdade em *ethos*. Trata-se de “reunir aquilo que se pôde ouvir ou ler, e isto com uma finalidade que não é nada menos que a constituição de si” (FOUCAULT, 1992b, p. 137). Ainda nos valendo das palavras desse pensador, observamos pela clareza, pela coerência e

organização do texto de Pierre Rivière, aspectos reiterados pelos estudos que o envolvem, que “a escrita [...] é um exercício de razão que se opõe à [...] agitação do espírito, à instabilidade da atenção, à mudança das opiniões e das vontades, e conseqüentemente, à fragilidade perante todos os acontecimentos que possam ter lugar” (FOUCAULT, 1992b, p. 139). Daí, alguns médicos psiquiatras se valerem do Memorial para atestar a sanidade mental de seu autor. A unidade assegurada no texto de Pierre Rivière corrobora também a heterogeneidade de discursos nele materializados; atesta o exterior funcionando na construção da subjetividade desse sujeito; é o exterior que o move e o leva a sua dupla autoria: a do assassinato e a do texto. Se o papel da escrita é construir um corpo, esse texto constrói um sujeito exterior àquele que efetuou o gesto da escrita, sempre duplicado, reduplicado, e deslocado pelas interlocuções que estabelece.

Se, por um lado, a escrita carrega representações imaginárias que o sujeito escritor faz de si e de sua existência real; por outro, ela desencadeia inúmeras representações que os interlocutores possíveis, de seus lugares socioculturais, históricos e ideológicos, fazem do sujeito que o texto carrega. No Memorial de Pierre Rivière, o espaço próprio da linguagem é distribuído por duas grandes categorias: a transgressão e a morte.

Se se deseja um curso sereno à vida, a morte, quando não interrupção, é invasão.

Referências

- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- CORACINI, Maria José. **A Celebração do Outro** Arquivo, Memória e Identidade. CAMPINAS: Mercado de Letras, 2007.
- COSTA, Hermes Honório. E Aquelas Mãos que Confessam. In: FERNANDES, Cleudemar Alves; SANTOS, João Bôsko Cabral. **Percursos da Análise do Discurso no Brasil**. São Carlos: Claraluz, 2007. p. 163-176.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. Literatura em Foucault: infinita exterioridade. In: __; SANTOS, João Bôsko Cabral. **Percursos da Análise do Discurso no Brasil**. São Carlos: Claraluz, 2007. p.15-24.
- FOUCAULT, Michel (Coord.). **Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão**. Trad. de Denize Lezan de Almeida. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- _____. **O Pensamento do Exterior**. São Paulo: Princípios, 1990.
- _____. **O Que É um Autor?**. Lisboa: Passagem, 1992a.
- _____. A Escrita de Si. In: __. **O Que É um Autor?**. Lisboa: Passagem, 1992b. p. 129-160

_____. A Vida dos Homens Infames. In: _____. **O Que É um Autor?**. Lisboa: Passagem, 1992c. p. 89-128.

_____. Linguagem e Literatura. In: MACHADO, Roberto. **Foucault, a filosofia e a literatura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001a. p. 139-174.

_____. A Linguagem ao Infinito. In: MOTTA, Manoel Barros (org). **Michel Foucault** Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001b. (Ditos & Escritos. v. III) p.45-59.

LEVY, Tatiana Salem. **A Experiência do Fora** Blanchot, Foucault e Deleuze. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

MARIGUELA, Adriana Duarte Bonini. A Emergência do Autor Pierre Rivière. In: **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 8, n. esp., jun. 2007. p. 227-249.

MARSHALL, Jim. **Foucault, Ciência e Educação**. University of Auckland: Encyclopedia of Philosophy of Education, 11/10/1999. In: <http://www.ffst.hr/ENCYCLOPAEDIA/foucault.htm>.
Consulta feita em 06/10/2008.

PÊCHEUX, Michel. Sobre os Contextos Epistemológicos da Análise de Discurso. In: **Escritos**, nº. 4, Campinas: Nudecri, 1999. p. 7-16.